

## DOMINGO XVIII DO TEMPO COMUM

### CIC 2828-2837: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”

**2828** «*Dai-nos*»: como é bela a confiança dos filhos, que tudo esperam do Pai! «Ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e chover sobre justos e injustos» (Mt 5, 45); dá a todos os seres vivos «de comer a seu tempo» (Sl 104, 27). É Jesus quem nos ensina esta petição que, de facto, glorifica o nosso Pai porque é o reconhecimento de quanto Ele é bom, acima de toda a bondade.

**2829** «*Dai-nos*» é também expressão da Aliança: nós somos d’Ele e Ele é nosso, é para nós. Mas este «nós» reconhece-O também como Pai de todos os homens, e nós pedimos-Lhe por todos, solidários com as suas necessidades e os seus sofrimentos.

**2830** «*O pão nosso*». O Pai que nos dá a vida não pode deixar de nos dar o alimento necessário para a vida e todos os bens «convenientes», materiais e espirituais. No sermão da montanha, Jesus insiste nesta confiança filial que coopera com a providência do nosso Pai<sup>1</sup>. Não nos incita a qualquer espécie de passividade<sup>2</sup>, mas quer libertar-nos de toda a inquietação ansiosa e de qualquer preocupação. Assim é o abandono filial dos filhos de Deus:

«Àqueles que procuram o Reino e a justiça de Deus, Ele promete dar tudo por acréscimo. Com efeito, tudo pertence a Deus: nada faltará àquele que possui a Deus se ele próprio não faltar a Deus»<sup>3</sup>.

**2831** Mas a presença daqueles que têm fome por falta de pão revela outra profundidade desta petição. O drama da fome no mundo chama os cristãos que oram com sinceridade a assumir uma responsabilidade efectiva em relação aos seus irmãos, tanto nos seus comportamentos pessoais como na solidariedade para com a família humana. Esta petição da oração do Senhor não pode ser isolada das parábolas do pobre Lázaro<sup>4</sup> e do Juízo final<sup>5</sup>.

**2832** Tal como o fermento na massa, a novidade do Reino deve levedar a terra com o Espírito de Cristo<sup>6</sup>. Há-de manifestar-se pela instauração da justiça nas relações pessoais e sociais, económicas e internacionais, sem nunca esquecer que não há nenhuma estrutura justa sem homens que queiram ser justos.

<sup>1</sup> Cf. Mt 6, 25-34.

<sup>2</sup> Cf. 2 Ts 3, 6-13.

<sup>3</sup> SÃO CIPRIANO DE CARTAGO, *De dominica oratione*, 21: CCL 3A, 103 (PL 4, 551).

<sup>4</sup> Cf. Lc 16, 19-31.

<sup>5</sup> Cf. Mt 25, 31-46.

<sup>6</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, *Decr. Apostolicam actuositatem*, 5: AAS 58 (1966) 842.

- 2833** Trata-se do «nosso» pão, de «um» para «muitos». A pobreza das bem-aventuranças é a virtude da partilha. Ela convida a comunicar e a partilhar os bens materiais e espirituais, não por coacção, mas por amor, para que a abundância de uns remedeie às necessidades dos outros<sup>7</sup>.
- 2834** «Ora e trabalha»<sup>8</sup>. «Orai como se tudo dependesse de Deus, e trabalhai como se tudo dependesse de vós»<sup>9</sup>. Tendo nós feito o nosso trabalho, o alimento continua a ser uma dádiva do nosso Pai; é bom pedir-Lho dando-Lhe graças por ele. Tal o sentido da bênção da mesa numa família cristã.
- 2835** Esta petição e a responsabilidade que comporta valem também para outra fome de que os homens morrem: «O homem não vive só de pão, mas de toda a palavra que sai da boca do Deus» (Mt 4, 4)<sup>10</sup>, quer dizer, da sua Palavra e do seu Sopro. Os cristãos devem mobilizar todos os esforços para «anunciar o Evangelho aos pobres». Há uma fome na terra que «não é fome de pão nem sede de água, mas de ouvir a Palavra do Senhor» (Am 8, 11). É por isso que o sentido especificamente cristão desta quarta petição tem a ver com o Pão da Vida: a Palavra de Deus, que deve ser acolhida na fé, e o corpo de Cristo, recebido na Eucaristia<sup>11</sup>.
- 2836** «Hoje» é outra expressão de confiança. É o Senhor que no-la ensina<sup>12</sup>; a nossa presunção não poderia inventá-la. Tratando-se sobretudo da sua Palavra e do corpo do seu Filho, este «hoje» não é somente o do nosso tempo mortal: é o «Hoje» de Deus:  
 «Se em cada dia recibes o pão, cada dia é hoje para ti. Se Cristo é para ti hoje, todos os dias Ele ressuscita para ti. Como é isso? “Tu és o Meu Filho, Eu hoje Te gerei” (Sl 2, 7). Hoje quer dizer: quando Cristo ressuscita»<sup>13</sup>.
- 2837** «De cada dia». Esta palavra «*epioúsios*» não é usada em mais lado nenhum no Novo Testamento. Tomada num sentido temporal, é uma repetição pedagógica do «hoje»<sup>14</sup> para nos confirmar numa confiança «sem reservas». Tomada no sentido qualitativo, significa o necessário para a vida e, de um modo mais abrangente, todo o bem suficiente para a subsistência<sup>15</sup>. Tomada à letra (*epioúsios*, «sobre-substancial»), designa directamente o Pão da Vida, o corpo de Cristo, «remédio de imortalidade»<sup>16</sup>, sem o qual não temos a vida em nós<sup>17</sup>. Enfim, ligado ao antecedente, é evidente o sentido celestial: «este dia» é o do Senhor, o do banquete do Reino, antecipado na Eucaristia que é já o antegozo do Reino que vem. É por isso conveniente que a liturgia Eucarística seja celebrada em «cada dia».

<sup>7</sup> Cf. 2 Cor 8, 1-15.

<sup>8</sup> Da tradição beneditina. Cf. SÃO BENTO, *Regra* 20;48: CSEL 75, 75-76.114-119 (PL 66, 479-480.703-704).

<sup>9</sup> Dito atribuído a Santo Inácio de Loyola; cf. PETRUS DE RIBADENEYRA, *Tractatus de modo gubernandi sancti Ignatii*, c. 6, 14: MHSI 85, 631.

<sup>10</sup> Cf. Dt 8, 3.

<sup>11</sup> Cf. Jo 6, 26-58.

<sup>12</sup> Cf. Mt 6, 34; Ex 16, 19.

<sup>13</sup> SANTO AMBRÓSIO, *De Sacramentis*, 5, 26: CSEL 73, 70 (PL 16, 453).

<sup>14</sup> Cf. Ex 16, 19-21.

<sup>15</sup> Cf. 1 Tm 6, 8.

<sup>16</sup> SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Ephesios* 20, 2: SC 10bis, 76 (FUNK 1, 230).

<sup>17</sup> Cf. Jo 6, 53-56.

«A Eucaristia é o nosso pão de cada dia [...]. A virtude própria deste alimento é a de realizar a unidade a fim de que, reunidos no corpo de Cristo, tornados seus membros, sejamos o que recebemos. [...] E também são pão de cada dia as leituras que em cada dia ouvimos na igreja; e os hinos que escutais e cantais, são pão de cada dia. Estes são os mantimentos necessários para a nossa peregrinação»<sup>18</sup>.

O Pai celeste exorta-nos a pedir, como filhos do céu, o Pão celeste<sup>19</sup>. Cristo «é Ele mesmo o Pão que, semeado na Virgem, levedado na carne, amassado na paixão, cozido no forno do sepulcro, guardado em reserva na Igreja, levado aos altares, fornece cada dia aos fiéis um alimento celeste»<sup>20</sup>.

### **CIC 1335: os milagres da multiplicação dos pães prefiguram a Eucaristia**

**1335** Os milagres da multiplicação dos pães, quando o Senhor disse a bênção, partiu e distribuiu os pães pelos seus discípulos para alimentar a multidão, prefiguram a superabundância deste pão único da sua Eucaristia<sup>21</sup>. O sinal da água transformada em vinho em Caná<sup>22</sup> já anuncia a «Hora» da glorificação de Jesus. E manifesta o cumprimento do banquete das núpcias no Reino do Pai, onde os fiéis beberão do vinho novo<sup>23</sup> tornado sangue de Cristo.

### **CIC 1391-1401: os frutos da Comunhão**

**1391** *A Comunhão aumenta a nossa união com Cristo.* Receber a Eucaristia na comunhão traz consigo, como fruto principal, a união íntima com Cristo Jesus. De facto, o Senhor diz: «Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em Mim e Eu nele» (*Jo* 6, 56). A vida em Cristo tem o seu fundamento no banquete eucarístico: «Assim como o Pai, que vive, Me enviou, e Eu vivo pelo Pai, também o que Me come viverá por Mim» (*Jo* 6, 57):

«Quando, nas festas do Senhor, os fiéis recebem o corpo do Filho, proclamam uns aos outros a boa-nova de que lhes foram dadas as arras da vida, como quando o anjo disse a Maria de Magdala: “Cristo ressuscitou!”. Eis que também agora a vida e a ressurreição são conferidas àquele que recebe Cristo»<sup>24</sup>.

**1392** O que o alimento material produz na nossa vida corporal, realiza-o a Comunhão, de modo admirável, na nossa vida espiritual. A comunhão da carne de Cristo Ressuscitado, «vivificada pelo Espírito Santo e vivificante»<sup>25</sup>, conserva, aumenta e renova a vida da graça recebida no Baptismo. Este crescimento da vida cristã precisa de ser alimentado pela Comunhão eucarística, pão da nossa peregrinação, até à hora da morte, em que nos será dado como viático.

<sup>18</sup> SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 57, 7, 7: PL 38, 389-390.

<sup>19</sup> Cf. *Jo* 6, 51.

<sup>20</sup> SÃO PEDRO CRISÓLOGO, *Sermão* 67, 7: CCL 24A, 404-405 (PL 52, 402).

<sup>21</sup> Cf. *Mt* 14, 13-21; 15, 32-39.

<sup>22</sup> Cf. *Jo* 2, 11.

<sup>23</sup> Cf. *Mc* 14, 25.

<sup>24</sup> *Fanqith, Breviarium iuxta ritum Ecclesiae Antiochenae Syrorum*, v. 1 (Mossul 1886) p. 237a-b.

<sup>25</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, *Decr. Presbyterorum ordinis*, 5: AAS 58 (1966) 997.

**1393** *A Comunhão afasta-nos do pecado.* O corpo de Cristo que recebemos na Comunhão é «entregue por nós» e o sangue que nós bebemos é «derramado pela multidão, para remissão dos pecados». É por isso que a Eucaristia não pode unir-nos a Cristo sem nos purificar, ao mesmo tempo, dos pecados cometidos, e nos preservar dos pecados futuros:

«Sempre que O recebemos, anunciamos a morte do Senhor<sup>26</sup>. Se nós anunciamos a morte do Senhor, anunciamos a remissão dos pecados. Se, de cada vez que o seu sangue é derramado, é derramado para remissão dos pecados, eu devo recebê-lo sempre, para que sempre Ele perdoe os meus pecados. Eu que peço sempre, devo ter sempre um remédio»<sup>27</sup>.

**1394** Tal como o alimento corporal serve para restaurar as forças perdidas, assim também a Eucaristia fortifica a caridade que, na vida quotidiana, tende a enfraquecer-se; e esta caridade vivificada *apaga os pecados veniais*<sup>28</sup>. Dando-*Se* a nós, Cristo reaviva o nosso amor e torna-nos capazes de quebrar as ligações desordenadas às criaturas e de nos radicarmos n'Ele.

«Uma vez que Cristo morreu por nós por amor, quando nós fazemos memória da sua morte no momento do sacrifício, pedimos que esse amor nos seja dado pela vinda do Espírito Santo; suplicamos humildemente que, em virtude desse amor pelo qual Cristo quis morrer por nós, também nós, recebendo a graça do Espírito Santo, possamos considerar o mundo como crucificado para nós e sermos nós próprios crucificados para o mundo; [...] tendo recebido o dom do amor, morramos para o pecado e vivamos para Deus»<sup>29</sup>.

**1395** Pela mesma caridade que acende em nós, a Eucaristia *preserva-nos dos pecados mortais* futuros. Quanto mais participarmos na vida de Cristo e progredirmos na sua amizade, mais difícil nos será romper com Ele pelo pecado mortal. A Eucaristia não está ordenada ao perdão dos pecados mortais. Isso é próprio do sacramento da Reconciliação. O que é próprio da Eucaristia é ser o sacramento daqueles que estão na plena comunhão da Igreja.

**1396** *A unidade do corpo Místico: a Eucaristia faz a Igreja.* Os que recebem a Eucaristia ficam mais estreitamente unidos a Cristo. Por isso mesmo, Cristo une todos os fiéis num só corpo: a Igreja. A Comunhão renova, fortalece e aprofunda esta incorporação na Igreja já realizada pelo Baptismo. No Baptismo fomos chamados a formar um só corpo<sup>30</sup>. A Eucaristia realiza esta vocação: «O cálice da bênção que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque participamos desse único pão» (1 Cor 10, 16-17):

«Se sois o corpo de Cristo e seus membros, é o vosso sacramento que está colocado sobre a mesa do Senhor, é o vosso sacramento que recebeis. Vós respondeis «Ámen» [«Sim, é verdade!»] àquilo que recebeis e, ao responder, o subscreveis. Tu ouves esta palavra: «O corpo de Cristo»; e respondes: «Ámen». Então, sê um membro de Cristo, para que o teu «Ámen» seja verdadeiro»<sup>31</sup>.

<sup>26</sup> Cf. 1 Cor 11, 26.

<sup>27</sup> SANTO AMBRÓSIO, *De Sacramentis*, 4, 28: CSEL 73, 57-58 (PL 16, 446).

<sup>28</sup> Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 13ª, *Decretum de ss. Eucharista*, c. 2: DS 1638.

<sup>29</sup> SÃO FULGÊNCIO DE RUSPAS, *Contra gesta Fabiani* 28, 17: CCL 91A, 813-814 (PL 65, 789).

<sup>30</sup> Cf. 1 Cor 12, 13.

<sup>31</sup> SANTO AGOSTINHO, *Sermão 272*: PL 38, 1247.

**1397** *A Eucaristia compromete-nos com os pobres:* Para receber, na verdade, o corpo e o sangue de Cristo entregue por nós, temos de reconhecer Cristo nos mais pobres, seus irmãos<sup>32</sup>:

«Saboreaste o sangue do Senhor e não reconheces sequer o teu irmão. Desonras esta mesa, se não julgas digno de partilhar o teu alimento aquele que foi julgado digno de tomar parte nesta mesa. Deus libertou-te de todos os teus pecados e chamou-te para ela; e tu nem então te tornaste mais misericordioso»<sup>33</sup>.

**1398** *A Eucaristia e a unidade dos cristãos.* Perante a grandeza deste mistério, Santo Agostinho exclama: «*O sacramentum pietatis! O signum unitatis! O vinculum caritatis!* – Ó sacramento da piedade, ó sinal da unidade, ó vínculo da caridade!»<sup>34</sup>. Quanto mais dolorosas se fazem sentir as divisões da Igreja que rompem a comum participação na mesa do Senhor, tanto mais prementes são as orações que fazemos ao Senhor para que voltem os dias da unidade completa de todos os que crêem n'Ele.

**1399** As Igrejas orientais que não estão em comunhão plena com a Igreja Católica celebram a Eucaristia com um grande amor. «Essas Igrejas, embora separadas, têm verdadeiros sacramentos; e principalmente, em virtude da sucessão apostólica, o sacerdócio e a Eucaristia, por meio dos quais continuam unidos a nós por vínculos estreitíssimos»<sup>35</sup>. Portanto, «uma certa comunhão *in sacris* – portanto na Eucaristia – é não só possível, mas até aconselhável em circunstâncias oportunas e com aprovação da autoridade eclesiástica»<sup>36</sup>.

**1400** As comunidades eclesiais saídas da Reforma, separadas da Igreja Católica, «não [conservaram] a genuína e íntegra substância do mistério eucarístico, sobretudo por causa da falta do sacramento da Ordem»<sup>37</sup>. É por esse motivo que a intercomunhão eucarística com estas comunidades não é possível para a Igreja Católica. No entanto, estas comunidades eclesiais, «quando na santa ceia fazem memória da morte e ressurreição do Senhor, professam que a vida é significada na comunhão com Cristo e esperam a sua vinda gloriosa »<sup>38</sup>.

**1401** Se urgir uma grave necessidade, segundo o juízo do Ordinário, os ministros católicos podem dar os sacramentos (Eucaristia, Penitência, Unção dos Enfermos) aos outros cristãos que não estão em plena comunhão com a Igreja Católica, mas que os pedem por sua livre vontade: requer-se, nesse caso, que manifestem a fé católica em relação a estes sacramentos e que se encontrem nas devidas disposições<sup>39</sup>.

<sup>32</sup> Cf. Mt 25, 40.

<sup>33</sup> SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In epistulam I ad Corinthios*, homilia 27, 5: PG 61, 230.

<sup>34</sup> SANTO AGOSTINHO, *In Iohannis evangelium tractatus* 26, 13: CCL 36, 266 (PL 35, 1613); cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 47: AAS 56 (1964) 113.

<sup>35</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Unitatis redintegratio*, 15: AAS 57 (1965) 102.

<sup>36</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Unitatis redintegratio*, 15: AAS 57 (1965) 102; cf. CIC can. 844, § 3.

<sup>37</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Unitatis redintegratio*, 22: AAS 57 (1965) 106.

<sup>38</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Unitatis redintegratio*, 22: AAS 57 (1965) 106.

<sup>39</sup> Cf. CIC can. 844, § 4.